



UEM - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO

KEILLA FRANCIELI MARANA DA FONSECA

UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Maringá

2011

KEILLA FRANCIELI MARANA DA FONSECA

UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de trabalho de Conclusão de Curso TCC, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, orientado pela Profª Drª Elsa Midori Shimazaki.

Maringá

2011

KEILLA FRANCIELI MARANA DA FONSECA

UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de trabalho de Conclusão de Curso TCC, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, orientado pela Profª Drª Elsa Midori Shimazaki.

Aprovado em:

Profª Drª Elsa Midori Shimazaki (UEM)

Profª Drª Nerli Nonato Mori (UEM)

Profª Ms. Janira Siqueira Camargo (UEM)

À DEUS,

Pelo dom da vida, e por todos os dias derramar suas bênçãos sobre minha família

À JOÃO CARLOS,

Meu marido, amigo e companheiro a quem eu amo muito

À Giovanna,

Minha filha amada

AGRADECIMENTOS

Á Deus em primeiro lugar, pelo dom da vida e a oportunidade de ingressar em uma Universidade Pública.

Aos meus pais Valentim (in memória) e Cacilda que me educaram e proporcionaram que eu estudasse.

Ao meu esposo João Carlos, obrigada pelo seu amor, força, carinho, paciência e pelo companheirismo, você também é um pedagogo.

Á minha filha Giovanna, que por muitas vezes foi privada da minha companhia pelos estudos.

Ás minhas irmãs Silvia e Kelly, minhas sobrinhas Kethlyn e Letícia, por serem importantes para mim.

Ás minhas amigas, Cristiane e Suzane pelas horas de trabalho em grupo que muitas vezes deram lugar a conversas e fofocas.

Aos meus colegas da turma 01 de 2008 da Universidade Estadual de Maringá, foram quatro anos inesquecíveis de momentos de alegrias e tristezas.

A todos os professores, mestres e doutores do Departamento de Teoria e Prática da Educação e Departamento de Fundamentos da Educação do curso de Pedagogia da UEM, obrigada por passarem suas experiências e seus conhecimentos foi com a contribuição de vocês que cheguei até aqui e em especial a professora Dr^a. Elsa Midori Shimazaki, obrigada pela paciência e por acreditar em mim.

E a todos aqueles que de forma direta ou indireta influenciaram na minha formação, obrigada.

Ler para uma criança muda a sua história.

Autor desconhecido

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	13
2.1 Escolas e métodos de Ensino no Brasil.....	16
2.2 Métodos de Ensino (sintético e Global).....	18
2.3 Método Sintético.....	19
2.4 Método Global ou Analítico.....	19
3 O QUE É ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	20
4 ENSINO DA LEITURA.....	23
4.1 Leitura: capacidades, conhecimentos e atitudes.....	26
4.1.1 Desenvolver atitudes e disposições favoráveis a leitura.....	27
4.1.2 Desenvolver capacidades de decifração.....	28
4.1.2.1 Saber decodificar palavras.....	28
4.1.2.2 Saber ler reconhecendo globalmente as palavras.....	28
4.1.3 Desenvolver fluência em leitura.....	29
4.1.4 Compreender textos.....	30
4.1.4.1 Identificar finalidades e funções da leitura, em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto.....	31
4.1.4.2 Antecipar conteúdos de textos a serem lidos em função de seu suporte, seu gênero e sua contextualização.....	31
4.1.4.3 Levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido.....	31

4.1.4.4	Buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão.....	32
4.1.4.5	Construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas.....	32
4.1.4.6	Avaliar ética e afetivamente o texto, fazer extrapolações.....	32
4.2	O Ensino da leitura na escola.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6	REFERÊNCIAS.....	39

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre os aspectos a serem considerados em relação ao ensino da leitura nas anos/séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas brasileiras. As observações realizadas no Projeto de Iniciação Científica (PIC) proporcionaram o interesse de investigar como está inserida essa competência nas classes alfabetizadoras das escolas públicas, uma vez que o ensino da leitura, como os demais eixos das competências devem ser pautados na promoção da alfabetização e do letramento. Para subsidiar essa discussão fundamentamos o trabalho em autores e teóricos cujas linhas de pesquisa englobam o eixo do ensino da leitura, juntamente com o Programa de Formação continuada de Professores dos anos/séries Iniciais do Ensino Fundamental. Temos o conhecimento, que a leitura não é muito praticada pelos brasileiros, muitas vezes ele é trocado por outras atividades como: a televisão, rádio e na atualidade a internet. Nas escolas a biblioteca é pouco freqüentada, pois ou ela não possui acervo adequado para a faixa etária dos alunos, pela ausência e precariedade dos livros que ali se encontram ou como espaço para abrigar alunos baderneiros. No decorrer do estudo percebemos que o foco principal para instigar a leitura nos alunos esta voltada para a escola, é ela que pode propiciar momentos de interação dos alunos com diversos tipos de matérias impressos como livros, jornais, revistas, gibis, entre outros, uma vez que em escolas públicas principalmente de periferia os alunos pouco tem acesso a esses materiais. O professor também deve se fazer presente nesse trabalho, ele é o principal condutor para a criação do vínculo entre leitura e aluno e propiciando situações que envolvam a prática da leitura não como ato obrigatório e avaliativo, mas de reflexão, descontração e passatempo.

Palavras-chaves: Leitura; Ensino; Alfabetização; Letramento.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade que deve ser explorada e exercitada no decorrer de toda a trajetória escolar das pessoas que ingressam nas escolas, a sugestão é que ela seja explorada desde os primeiros anos escolares e que sejam enfatizadas no ensino fundamental, pois a leitura não é uma atividade natural que a criança aprende sozinha, ela faz parte do processo de ensino, no qual o professor deve ser o mediador entre as habilidades de leitura a serem desenvolvidas no processo de aprendizagem do aluno.

Contudo, muitas vezes acredita-se que basta conhecer o código para que se saiba ler, mas um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um sujeito letrado, alfabetizado é aquele que saber ler e escrever; já o indivíduo letrado é aquele que vive em estado de letramento, aquele que usa socialmente e responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita.

Para o aluno conquistar a competência leitora, ele precisa ter internalizado as práticas de alfabetização e seu uso social, e isso depende do processo de ensino pelo qual foi submetido.

Neste trabalho foram enfocados as pesquisas sobre leitura publicadas no Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental Pró-Letramento Alfabetização e Lingüística do Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica (MEC), com o intuito de refletir quais aspectos devem ser considerados no ensino da leitura nas séries/anos iniciais do ensino fundamental.

Para tanto foi elaborado um texto abrangendo uma breve história da educação no Brasil, os métodos de ensino e as tendências escolares, concomitante com o significado da educação e letramento difundidos no Brasil e finalizando com o ensino da leitura enfocando o eixo 3 do Pró-Letramento, leitura.

Visto que a leitura é um ato importante para a vida em sociedade cada vez mais o professor deve estar preparado para entrar em uma sala de alfabetização, pois como afirmam Menegassi e Angelo (2005) nossos professores do primeiro e segundo ciclos do ensino Fundamental e Educação Infantil, estão buscando

construir um ensino de leitura mais próximo da realidade necessária à sociedade atual.

As crianças que hoje frequentam a escola têm exigências diferentes de há alguns anos, elas se transformaram como a sociedade, e a cada dia apresenta uma nova necessidade. Elas trazem para a escola sua leitura de mundo suas experiências e precisam encontrar profissionais na escola que estejam preparados para ampliar esse olhar.

No decorrer do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), tive a oportunidade de participar de um Projeto de Iniciação Científica (PIC), na área de Leitura.

O tema me chamou a atenção visto que ela possui ligação com a profissão que exerço, a princípio gostaria de ter como foco a livraria, realizar um projeto para trazer os alunos de bairros periféricos para dentro da livraria. Mas no decorrer dos estudos percebi que o ato da leitura não está tão presente como deveria nas escolas, no entanto a princípio meu projeto seria em vão.

Desse modo o PIC, encaminhou para o ensino da competência leitora, avaliado na Provinha Brasil, e então os meus estudos seguiram por esse caminho, de investigar como ocorre o ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental de acordo com as orientações do Programa de Formação Continuada de Professores o Pró-Letramento.

Com a finalização do PIC em janeiro de 2011, e com a disciplina do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desta Universidade para realizar, decidi dar seqüência ao estudo, visto que poderia ampliar meus estudos sobre o tema, uma vez que ele é de extrema importância para a minha formação enquanto Pedagoga e sócio-gerente de uma livraria, na qual um dos focos principais da empresa é atender escolas privadas com a venda de livros destinados ao público infantil.

A presente pesquisa bibliográfica com caráter hipotético-dedutivo tem como foco o estudo de teóricos e pesquisadores que possuem como linha de pesquisa o ensino da Leitura, nas séries/anos iniciais do Ensino fundamental, uma vez que suas

contribuições são de extrema importância para a formação acadêmica da presente graduanda.

A leitura desses autores, juntamente com a prática docente adquirida no decorrer do curso de Pedagogia desta Universidade nos estágios supervisionados, proporcionou a reflexão, sobre como deveria acontecer e como acontece o ensino da leitura no cotidiano das escolas públicas de Maringá – PR.

2. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, nos deparamos com discussões a respeito do ensino da leitura e da escrita, como se dá esse processo de ensino aprendizagem que é primordial na vida do ser humano, enquanto sujeito ativo. A alfabetização está tão enraizada na vida do sujeito que segundo Teberosky e Tolchinsky (1997) é quase impossível para uma mente alfabetizada imaginar a vida social dos grupos humanos sem a escrita, ou seja, tudo que vemos e ouvimos no nosso corrido dia-a-dia perpassa a inserção da leitura e escrita.

A alfabetização como mostra a história não esteve em condições de acesso a todas as pessoas, durante muitos séculos a leitura e a escrita significavam poder nas mãos de burocratas e religiosos. Com o desenvolvimento das sociedades a leitura e escrita passaram a ser uma necessidade emergente, o que levou a alfabetização a assumir gradualmente um papel social essencial Nucci (2008).

Desde os tempos dos jesuítas, precursores da alfabetização brasileira, os educandos não eram considerados pelos docentes em suas práticas pedagógicas, uma vez que eles eram considerados recipientes vazios, no qual se “deposita” o saber escolarizado. Os jesuítas utilizavam-se de cartas ou pequenos livros que reuniam o abecedário, silabário e rudimentos do catecismo, essas cartas também eram utilizadas em Portugal desde o século XV com o objetivo de alfabetizar os indivíduos.

Docilização a população nativa (gentio) e os filhos dos colonos através da domesticação, da repressão cultural e religiosa, os jesuítas serviram a empresa exploradora lusa com visão maniqueísta do mundo. Domesticando através das interdições, sobretudo as do corpo, superestimaram o incesto, o canibalismo e a nudez. Introjetaram comportamentos de submissão, obediência e hierarquia, disciplina, devoção cristã, imitação e exemplo. Serviram-se para isto das práticas de batismo, confissão, admoestação particular ou pública do púlpito, casamentos, missa, comunhão, confirmação, pregações, procissões, rezas, jejuns, flagelações, teatralizações e ensino da vida ascética e de pobreza acintosa como eles, os jesuítas. (FREIRE, 2001, p. 33)

Os jesuítas ficaram a frente da educação brasileira, até meados de 1759 quando o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e Colônia confiscando-lhes os bens. Com a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras o sistema educacional

brasileiro redundou em retrocesso ficando treze anos sem escola, ficando o ensino jesuítico substituído pelas “aulas avulsas”¹.

Em contrapartida na era pombalina a língua portuguesa no lugar do latim até então ensinada pelos jesuítas foi altamente valorizada, também foram criadas a Real Mesa Censorial e o fundo escolar adquiridos da arrecadação de impostos da venda de carne e água ardente 1772, entre outros projetos que fizeram com que a educação brasileira depois de tempos voltasse a formar indivíduos. Com a educação pombalina houve a oficialização do ensino como função do estado português no Brasil, financiado pelo “subsídio literário” criado em 10 de novembro de 1772 para criar fundos para o ensino elementar e médio Freire, (2001).

Com a chegada da família Real em 1808, houve uma preocupação para a formação dos sujeitos em cursos profissionalizantes para servir aos novos habitantes que chegaram a nossa terra. No entanto, para formar esses indivíduos fez-se necessário criar novas cadeiras, que foram transformadas em cursos e faculdades de medicina, odontologia, engenharia, farmácia, arquitetura instituindo no Brasil o ensino superior profissionalizante.

A primeira escola normal do Brasil foi criada em 4 de abril de 1835 em Niterói – RJ, contudo não se formaram muitos alunos dedicados ao magistério apenas onze dos quatorze alunos concluintes. Desse modo Freire (2001) conclui, de acordo com suas pesquisas, que não havia formação profissional adequada para cuidar da alfabetização dentro do estado nacional brasileiro.

No período imperial foi instituído pela Lei de 15 de outubro de 1827 o método de Lancaster e Bell nas escolas de primeiras letras, o método também era conhecido como mútuo simultâneo ou monitorial com duração de dois a três anos. O ensino era dividido por gênero, tendo o sexo masculino e feminino conteúdos diferenciados.

O currículo masculino consistia basicamente o ensino da leitura, escrita, quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, noções gerais de geometria prática, gramática da língua nacional e princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica. Aprendia-se a ler nos textos da Constituição do Império e de história do Brasil. O currículo para o sexo feminino excluía a geometria, resumia a

¹ Estas, de nível secundário e para meninos, ofereciam conteúdos de gramática latina, grega e hebraica, de retórica e filosofia, a serem ministradas por professores escolhidos em concurso público e pagos pelo Erário Régio e, portanto, contratados como funcionários do Estado. (BRASIL, 2008)

aritmética às quatro operações e acrescentava prendas domésticas. (FREIRE, 2001, p. 54).

Segundo Freire, 2001, p. 54-55

O método lancasteriano criado na Revolução Industrial já tinha sido abandonado na Inglaterra, quando deputados brasileiros, que tinham ido a Europa com a missão específica de observar a educação, ao voltarem, propuseram sua implantação entre nós. Esta escolha foi decorrência da falta de formação docente para o magistério primário, [...] certamente, pela ineficiência dos que eram formados, mas em última instância, pelo descaso com a educação popular, que vem perpetuando pela ideologia da interdição do corpo, o analfabetismo.

A educação, mesmo com o passar dos anos continuava elitista, eram poucos os que tinham acesso a escolarização. As camadas médias frequentavam as aulas avulsas nas escolas de primeiras letras e nos liceus provinciais e se quisessem ou pudessem continuar seus estudos em nível superior teriam que frequentar aulas preparatórias, que seria um curso pré ensino superior, para realizarem o exame para medir os seus conhecimentos para seguir para uma universidade.

Os filhos dos senhores de terras e escravos iniciavam seus estudos com preceptores em suas casas, geralmente com o tio-padre “ilustre” da família ou com leigos trazidos da Europa para esse fim muito raramente nas escolas públicas Freire (2001).

Em 1838 fundou-se no Rio de Janeiro o colégio Dom Pedro II que seria uma copia de liceus franceses, no entanto não existia bolsa de estudos para os menos favorecidos e a elite que estudava nesse colégio não prestava os exames preparatórios e obtinham título de bacharel em ciências e letras.

Com a Revolução Industrial na Inglaterra e a Revolução Francesa nos séculos XVII e XVIII a alfabetização passou a ser considerada um conjunto de habilidades relacionado à leitura e escrita, naquele tempo a pessoa que era alfabetizada possuía uma perspectiva de vida maior, além de participarem dos diferentes contextos sociais, ou seja, participarem ativamente da classe burguesa.

No início do século XIX com o êxito rural, o aprendizado da leitura e da escrita tornou-se necessário, para tanto, até o momento o ensino era repassado pelos familiares, e com o crescimento das cidades a padronização do aprendizado baseado nas escolas foi primordial. Era necessário alfabetizar o povo, mas de modo

que eles utilizassem esse aprendizado apenas para poder manusear as máquinas industriais, de certo modo a escola disciplinou os trabalhadores para a industrialização. Assim, nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas do século XIX, a crescente procura por mão-de-obra escolarizada, capaz de garantir maior produtividade, gerou a necessidade do alargamento da base social da alfabetização Nucci (2008).

Com o passar do tempo a alfabetização passou a ser algo necessário socialmente e culturalmente, a escola preparava o indivíduo para o trabalho, ou seja, se o sujeito fosse alfabetizado certamente teria uma boa colocação em uma fábrica ou indústria.

Com a escolarização, a escrita passou a ser privilegiada por ser uma forma de padronização e adestramento e não de liberação e desenvolvimento do sujeito, uma vez que a escola preparava o indivíduo basicamente para o mercado de trabalho. Essa idéia surge a partir da disciplina escolar como forma de modelar os trabalhadores a cumprirem regras, treinar para o trabalho e, conseqüente, aumentar a produtividade. (NUCCI, 2008, p. 51).

A escolarização surge como uma necessidade de formalizar o que até então era conhecido como alfabetização popular.

Para tanto, com o passar dos anos o conceito de escola, alfabetização modelo de sociedade e indivíduo a ser formado mudou. Hoje vemos a escola como um ambiente de ensino sistematizado baseado em conceitos científicos que visam formar um sujeito crítico e atuante na sociedade.

2.1 Escolas e Métodos de Ensino no Brasil

Para compreendermos os métodos de ensino utilizados no Brasil, podemos recorrer a Saviani (1997), que explora de maneira objetiva os processos históricos de ensino aprendizagem, classificando esses momentos em teorias não-críticas que englobam (ensino tradicional, escola nova e tecnicista), a teoria crítico-reprodutivista (violência simbólica, os aparelhos ideológicos do estado e a escola dualista ou capitalista que tem por referência Bourdieu, Passeron, Althusser, Baudelot e Establet) e por fim as teorias críticas (libertária, libertadora e histórico crítica) que denunciam as práticas de repressão e reprodução da sociedade capitalista.

Segundo Saviani (1997), é em meados do século XIX que os sistemas nacionais de ensino começaram a tomar forma, ou como a conhecemos hoje. A obrigatoriedade do ensino gratuito e laico voltado para todos e garantido pelo governo. Esse movimento surge pela necessidade de uma nova organização de sociedade. Com o intuito de construir uma sociedade mais democrática, surge também a necessidade de formar um novo indivíduo formar uma sociedade livre, contudo para isso dever-se-ia vencer a barreira da ignorância e segundo Saviani (1997), somente com a educação é que os súditos se tornariam cidadãos.

No entanto, o modelo pedagógico que a escola adotava era o ensino baseado na pedagogia fechada e formal com a abordagem mecânica, dogmática. O mestre estava no centro da ação é ele quem comandava o saber, ele ditava o exercícios e os alunos copiavam e seguiam o modelo, o professor utilizava-se da autoridade e do poder para expressar o conhecimento.

Esse modelo de ensino do século XIX começa a perder força no final do mesmo século quando a escola, além de não conseguir realizar seu objetivo que era a universalização do ensino e formar um sujeito no qual a sociedade pudesse se consolidar, pois nem todos os indivíduos tinham acesso à escola, e os que tinham muitas vezes que não conseguiam sair bem sucedidos.

Surge nesse momento um novo modelo de escola chamado de Escolanovista, ou Escola Nova que consistia basicamente no ensino voltado para o aluno, ou seja, o professor deixa de ser o centro. Uma escola renovada com a pedagogia aberta e informal, a partir do interesse da criança, educar de dentro para fora por meio do conhecimento dos alunos de suas vivências. O professor e o facilitador do conhecimento. Saviani (1997, p. 9) vem nos dizer que:

Compreende-se, então, que essa maneira de entender a educação, por referencia a pedagogia tradicional, tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento, do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender.

De certo modo o modelo da Escola Nova acabou agravando os problemas da marginalidade educacional uma vez que o desleixo com as disciplinas e a despreocupação com a transmissão dos conhecimentos por parte dos professores fez com o nível de ensino no país se agravasse.

E com a queda da escola nova na metade do século XX, é que a pedagogia tecnicista ganha força, “a partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional” (SAVIANI 1997, p.11).

Esse novo modelo de pedagogia é voltado para o ensino técnico, ou seja, formar o indivíduo para o trabalho de um país com a sociedade extremamente capitalista. Os recursos utilizados como telensino, enfoque sistêmico, instrução programada, ganhou lugar privilegiado, visto que o professor e os alunos ocupavam um espaço secundário nesse modelo de ensino. “relegados que são á condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutro e imparciais” (SAVIANI, 1997, p. 11-12). O ensino tecnicista enfoca a produtividade e a eficiência do sujeito.

2.2 Métodos de Ensino (Sintético e Global)

Durante muitos anos e durante os estágios de formação docente nessa instituição de ensino podemos perceber que paira sobre os professores a dúvida: qual o método mais eficiente para alfabetizar meu aluno? Em estudos na graduação orientados por professores especializados verificamos que não se tem uma receita para isso, pois cada criança aprende de um jeito e cada qual traz para a escola uma bagagem de conhecimento que deve ser respeitada pelo professor.

No entanto existem métodos que auxiliam a prática docente, Carvalho (2009) nos apresenta uma obra de sua autoria que relata método por método e suas implicações no cotidiano das escolas. Desse modo, antes de apresentar os métodos ela considera importante que o professor das séries iniciais busque conhecer os seus alunos e propõe que o professor responda às questões abaixo:

[...] Qual a concepção de leitura e leitor que sustenta o método? [...] há interesse em motivar os aprendizes para gostar de ler?

A fundamentação teórica do método é conhecida e faz sentido?

As etapas ou procedimentos de aplicação são coerentes com os fundamentos do método?

O material didático é acessível, simples e de baixo custo?

Há evidências de que o método foi experimentado com êxito em um numero significativo de turmas, em contextos escolares diferentes?

O que dizem professores e pesquisadores sobre a aplicação e os resultados? [...]. (CARVALHO 2009, p. 19)

Carvalho (2009) conclui que o professor realizando pesquisas sobre o método é obtendo boas respostas, e se bem aplicado é possível que o mesmo possa alcançar os objetivos propostos no processo ensino aprendizagem de seus alunos.

2.3 Métodos Sintéticos.

O método sintético não visava à alfabetização plena do aluno uma vez em que esse modelo de método era utilizado nas escolas tradicionais, pois a intenção não era formar leitores, pois só se trabalhava com letras soltas, no entanto ela corresponde a seis metodologias: juntando as letras (Soletração); ba-be-bi-bo-bu (silabação); método fônico; método da abelhinha; a casinha feliz e consciência fonológica, de fato esses métodos podem levar o aluno à alfabetização, mas de certo modo deixam falhas, pelo fato de que alguns deles não se preocupam em formar leitores e com a contextualização, usando a memorização, repetição e codificação das letras.

2.4 Métodos Global ou Analítico

No método global a criança aprende a ler a partir de histórias ou orações, apoiados por Claparede e Decroly psicólogos e educadores europeus que difundiram o método no início do século XX, juntamente com o movimento da Escola Nova com o apoio de Anísio Teixeira Carneiro Leão, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho entre outros.

Conhecer e respeitar as necessidades e interesses da criança; partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social, [...] aprender fazendo -, liberdade para criar e participação da criança no planejamento do ensino. (CARVALHO, 2009, p. 32)

A citação acima relata qual era o objetivo do método global nas escolas, como já citamos anteriormente não existe uma receita pronta, ou, por exemplo, o método sintético é mais eficaz do que o analítico ou vice-versa, o melhor método é aquele que o professor domina Carvalho (2009) “enfoca que seja qual for o método escolhido o conhecimento do professor e suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não o suficiente”. Para que realmente aconteça a efetivação da aprendizagem, o professor necessita da dialética entre a teoria e a prática, a práxis educacional é que levará o professor a alcançar os objetivos propostos em seu planejamento que é alfabetizar e letrar seus alunos.

3. O QUE É ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Os conceitos de alfabetização e letramento estão na moda, visto que muitos autores estão realizando estudos e pesquisas sobre o tema. Mas o que é Alfabetização? E Letramento? São termos distintos ou que devem ser vistos como um processo de ensino aprendizagem que devam caminhar juntos? As dúvidas estão presentes no dia a dia dos educadores principalmente das séries iniciais, quando o processo de alfabetização se inicia.

O termo alfabetização ou alfabetizado possui diversas interpretações em nossa sociedade segundo Ferreira (2010) alfabetização significa: “ação, processo ou efeito de alfabetizar” e alfabetizado é aquele que sabe ler.

Carvalho (2009) define alfabetização no sentido restrito de aprendizagem inicial da leitura e escrita, isto é, a ação de ensinar (ou o resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons.

Soares (2010a), possui um estudo muito amplo em relação à alfabetização e letramento, ela conceitua alfabetização como o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Mas o que seria então Letramento? Segundo Soares (2010b) “o termo Letramento apareceu pela primeira vez num texto de Mary Kato² *no mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística 1986*”. Com o passar dos anos foram feitas inúmeras pesquisas por diversos estudiosos sobre o tema, até chegar como a conhecemos atualmente. Derivado do *Latim Literacy*, letramento de acordo com Soares significa o estado o fato de ser estado ou condição daquele que aprende a ler e escrever.

A alfabetização, no entanto, não deve ser vista como um processo de representação de fonemas e grafemas em que o aluno adquire a habilidade de codificar e decodificar a língua escrita, ao passo de conseguir ler e escrever uma carta por exemplo e sim como relata (Soares 2010, p. 17).

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar a aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas a aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulações do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão.

A alfabetização vai além da codificação e decodificação do código escrito, uma vez que o processo de ensino aprendizagem não pode ser visto como memorização e treino e sim uma construção do indivíduo, o aluno precisa ter clareza sobre a importância da alfabetização na sua vida tanto escolar quanto social. A alfabetização precisa ter sentido para o aluno, pois, ao contrário, os índices de reprovação e evasão escolar só irão aumentar cada vez mais.

Não só a alfabetização, o letramento deve fazer parte do planejamento dos professores, principalmente das séries iniciais, uma vez que não basta à criança saber ler e escrever, codificar e decodificar o código, é necessário que ela saiba utilizar esse aprendizado em sua vida cotidiana.

Soares (2010) explicita claramente o termo Letramento, pois até pouco tempo atrás o indivíduo que era alfabetizado e não colocava em prática seus conhecimentos da língua escrita, era chamado de analfabeto.

² Mary Kato é doutora em linguística, segundo Angela Kleiman (1995), seria Mary Kato a precursora do termo Letramento no Brasil

O estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente as intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, esse fenômeno só recentemente se configurou como uma realidade em nosso contexto social. Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” - a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e, por isso, o termo analfabetismo nos bastava, o seu oposto – alfabetismo ou letramento – não nos era necessário. (SOARES 2010, p. 20).

A autora também salienta que mesmo uma pessoa sendo analfabeta ela pode ser letrada, se de algum modo ela se envolve com a leitura ouvindo histórias, ou narrativas realizadas por pessoas alfabetizadas, ditando cartas ou até mesmo recebendo-as, interpretando placas de trânsito nas ruas, ela está em estado de letramento. Da mesma maneira que uma criança que ainda não foi alfabetizada, mas folheia um livro, consegue interpretar histórias por meio de imagens, a mesma ainda não consegue decifrar o código, mas já penetrou no mundo do letramento.

Foi a partir da década de 80 que o conceito de alfabetização foi reformulado com as pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberoski, com a psicogênese da aquisição da língua escrita. Sua inquietação a respeito do número elevado de evasão e repetência escolar. Sua pesquisa traz uma revolução para a educação, pois invés de se preocupar em como ensinar? Os professores agora teriam de se perguntar como a criança aprende?

E a partir do livro Reflexões sobre Alfabetização 1985, em que Ferreiro transcreve os níveis de desenvolvimento da leitura e escrita que a autora irá pontuar fase a fase, mostrando que o aluno realmente constrói o seu conhecimento.

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar. Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber, embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto. (FERREIRO 1995, p. 17).

A alfabetização e o letramento são termos que devem caminhar juntos na construção do ensino aprendizagem dos alunos, como enfoca o Pró-Letramento (Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos-Séries Iniciais do Ensino Fundamental), ofertadas pelo MEC com parceria de Universidades que

integram a Rede Nacional de Formação Continuada e com adesão dos Estados e Municípios. É um curso de formação continuada, para a melhoria da qualidade de aprendizagem no âmbito da leitura/escrita e matemática. Tem como objetivo principal o suporte a ação pedagógica, reflexão quanto à prática docente e a formação continuada de professores:

Entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabéticos e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (...) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (...) considera-se que a alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis.

Assim, não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar os dois processos como seqüenciais, isto é, vindo um depois do outro, como se letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou então, como se alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento. (BRASIL 2008, p. 13).

O professor das séries iniciais precisa ter claro que ambos, alfabetização e letramento, precisam caminhar juntos, e que ele pode buscar conhecimentos sobre essas temáticas em cursos de formação de professores e especializações na área de alfabetização, o que ampliará seus conhecimentos científicos e que trará benefícios a seus alunos em sua prática pedagógica.

A preocupação dos educadores em proporcionar aos indivíduos práticas de letramento, é recente uma vez que, como já citamos anteriormente, o objetivo principal da escola era ensinar pela quantidade, com conteúdos maçantes, repetitivos, exercícios de memorização, ou seja, fora da realidade dos alunos.

4. ENSINO DA LEITURA

Quando dizemos que o indivíduo é alfabetizado, geralmente ligamos a idéia de que o sujeito possui competência leitora, ou seja, lê fluidamente respeita e utiliza as normas e padrões gráficos como: ortografia, sinais gráficos, entre outros. Contudo

podemos dizer que esse indivíduo foi alfabetizado, ou seja, internalizou as habilidades de codificação e decodificação do sistema de leitura e escrita.

Desse modo, para obter a competência leitora não basta o sujeito ser alfabetizado, ele precisa fazer o uso desse sistema, precisa ser letrado, usar as habilidades de alfabetização em práticas sociais. Assim, para que o aluno alcance a competência leitora necessita da alfabetização e do letramento, como já citamos anteriormente.

Nas orientações divulgadas a partir do programa Pró Letramento, para que ocorra a leitura não é necessário esperar que a criança aprenda a ler, o professor ou outras pessoas próximas podem mediar a leitura, ou até mesmo a criança manusear livros e outros impressos e fazer tentativas de leitura, tentativas essas que por meio da imagem ela descreve a ação que está acontecendo (Brasil, 2008, p. 40).

Com o avanço da tecnologia e com o fácil acesso a meios de comunicação como o computador, o mesmo pode servir como um ótimo aliado a novas práticas de leitura, com a utilização de chats, conversas virtuais, como MSN, e buscar informações na internet o prazer pela leitura fica mais aguçado. Esse trabalho não pode ficar restrito apenas aos primeiros anos, ele pode se estender para todo o ensino fundamental, pois a leitura deve ser um trabalho contínuo.

De acordo com o Pró-letramento, a alfabetização e a linguagem é desejável que até o terceiro ano do ensino fundamental os alunos sejam capazes de:

Utilizar livrarias e bancas como locais de acesso a livros, jornais, revistas;
Utilizar bibliotecas para manuseio, leitura e empréstimo de livros, jornais e revistas;
Dispor-se a ler os escritos que organizam o cotidiano da escola (cartazes, avisos, circulares, murais);
Engajar-se na produção e organização de espaços para a realização de leituras, tais como canto da leitura, biblioteca de classe, jornais escolares, murais, realizando leituras para outros colegas, para outras classes, para grupos de amigos, para a escola como um todo. (BRASIL 2008, p. 41).

A capacidade de ler com fluência e silenciosamente está ligada a dois fatores, o primeiro é o conhecimento linguístico da criança com a ampliação do seu vocabulário, que se dá por meio da leitura contínua e o segundo esta relacionado a possibilidade de, com base nesses conhecimentos, diminuir a quantidade de unidades utilizadas para compor o texto.

O Programa prevê quatro princípios que podem auxiliar na seleção e na elaboração da fluência em leitura: o primeiro requer que se diminua a quantidade de ilustrações, figuras que são encontradas em textos; o segundo está baseado no trabalho com o vocabulário e com estruturas sintáticas, freqüentemente utilizados em textos escritos; o terceiro consiste em levar o aluno a utilizar os seus conhecimentos prévios, formulando hipóteses sobre o que ele estará lendo; o quarto e último princípio é a leitura em voz alta na qual o aluno precisará fazer previsões utilizando seus conhecimentos linguísticos com maior intensidade.

A compreensão dos textos é fator importante e meta principal no ensino da leitura. É uma atividade que deve ser explorada e exercitada no decorrer de toda a trajetória escolar e não apenas nos anos iniciais do ensino fundamental, a sugestão é que ela seja trabalhada desde o primeiro ano dando mais ênfase nas séries seguintes (BRASIL 2008, p. 42).

A leitura não é uma atividade natural, que a criança aprende sozinha, para que ocorra a aprendizagem o professor deve ser o mediador entre a leitura e o aluno, levando para a turma diversos tipos de textos, sejam eles, jornais, revistas, propagandas de jornais, podem ser realizados passeios ao redor da escola, observando placas, outdoors, entre outros, esse tipo de atividade cria situações de diálogo entre os alunos, aguçando nos mesmos o senso crítico, que refletirá em uma aprendizagem.

É importante, antes de tudo, que o professor conheça a realidade de seus alunos, sua história, cultura, pois em cada escola encontramos crianças diferentes, algumas manuseando um livro ou jornal pela primeira vez. Essas situações são mais comuns em escolas de periferia onde está localizada a população de classe média baixa. O professor deve mostrar a seus alunos que a leitura fornece prazer, e que existem diversos tipos de gêneros textuais, que devem ser apresentados desde o primeiro ano do ensino fundamental, para que os educandos criem intimidade com a diversidade textual.

A leitura é uma prática social, fundamental para compreendermos o mundo, ela precisa ter sentido em nossas vidas para que não se torne apenas obrigações escolares. Para isso, o professor deve oferecer aos alunos variedades de textos que

circulam na sociedade, com materiais de qualidade, e diversas maneiras de usufruir da leitura, são indispensáveis que os alunos vivenciem várias formas de leitura. No entanto promover a interação dos alunos com diversos textos escritos é um desafio, que precisa ser muito bem planejado e estar sempre presente nas práticas pedagógicas.

Pesquisa realizada por Amorim (2008), verificou que em seus momentos de lazer a leitura está em 5º lugar na vida dos brasileiros estando entre os três primeiros, a TV o descanso e o rádio. Ou seja, o brasileiro não tem costume de ler, isso se deve pelo fato de como se dá o processo de leitura na vida do indivíduo, muitas vezes a leitura passa como um método cansativo obrigatório ou de castigo. Um fato que muitas vezes se dá na escola é “mandar o aluno bagunceiro para a biblioteca” como se lá fosse um lugar terrível. É dever do professor desmistificar esse paradigma, mostrando aos alunos que a leitura, é de fundamental importância para o seu desenvolvimento intelectual.

4.1 Leitura: capacidades, conhecimento e atitudes

O ensino da leitura está selecionado dentre os cinco eixos necessários a aquisição da língua escrita segundo o Pró-Letramento (2008), que são: compreensão e valorização da cultura escrita; apropriação do sistema de escrita; leitura; produção de textos escritos e desenvolvimento da oralidade. Esses eixos são fundamentais na elaboração de um plano de aula, visto que as atividades que os professores selecionarem devem conter essas habilidades, pois são elas que irão direcionar os objetivos propostos no plano.

Para compreender esses cinco eixos norteadores para a alfabetização podemos recorrer ao Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem (2008), o eixo 3 no qual estão especificadas as capacidades para o domínio da leitura, que segundo ele é uma atividade independente que depende do processo individual, mas que esta inserido em um contexto social mas que envolve: “(...) atitudes, capacidades relativas à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão, à produção de sentido (...)” (Brasil, 2008, p. 41).

Para tanto o caderno apresenta capacidades a serem atingidas ao longo do ciclo de alfabetização de nove anos para a leitura, que são:

Quadro 1 Competências para o Ensino da Leitura³

Quadro 3			
Leitura: capacidades, conhecimentos e atitudes			
Capacidades, conhecimentos e atitudes	1º ano	2º ano	3º ano
Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura	I/T/C	T/C	T/C
Desenvolver capacidades de decifração	I	T/C	T/C
(i) saber decodificar palavras	I	T/C	T/C
(ii) saber ler reconhecendo globalmente as palavras	I	T/C	T/C
Desenvolver fluência em leitura	I	T	T/C
Compreender textos	I/T/C	T/C	T/C
(i) identificar finalidades e funções da leitura, em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto	I/T/C	T/C	T/C
(ii) antecipar conteúdos de textos a serem lidos em função de seu suporte, seu gênero e sua contextualização	I/T/C	T/C	T/C
(iii) levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que está sendo lido	I/T/C	T/C	T/C
(iv) buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão	I/T/C	T/C	T/C
(v) construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas	I/T/C	T/C	T/C
(vi) avaliar ética e afetivamente o texto, fazer extrapolações.	I/T/C	T/C	T/C

Fonte: Pró-letramento (Brasil, 2008, p. 40)

4.1.1 Desenvolver atitudes e disposições favoráveis á leitura.

A leitura é uma prática social que desenvolve atitudes gestos e habilidades, desse modo, ao se apropriar dessas habilidades o aluno deverá demonstrar conhecimentos a cerca da leitura que realizou, ele deverá interpretar esse texto, pois ele servirá de sugestão para possíveis leituras posteriores.

³ Para compreender o quadro utilizamos os tons de cinza, o mais claro significa que a capacidade deve ser introduzida ou retomada. O cinza médio significa as atividades que devem ser trabalhadas de maneira sistemática. E o tom mais escuro significa a consolidação da atividade.

Letra I = Introduzir

Letra R = Retomar

Letra T = Trabalhar sistematicamente

Letra C = Consolidar

Como já citamos anteriormente o gostar de ler e interessar-se pela leitura são atitudes construídas, seja no espaço familiar, na escola ou em outros grupos de relacionamento, por esse motivo a leitura deve ser prazerosa e tenha os adultos como modelo.

Essa primeira capacidade “desenvolver atitudes e disposições favoráveis á leitura” relacionada à leitura deve ser introduzida no primeiro ano e trabalhada sistematicamente no decorrer dos seguintes anos da alfabetização, sempre verificando o gosto da criança por um gênero textual, história, contos, poemas, notícias entre outros.

4.1.2 Desenvolver capacidades de decifração.

Nessa competência o ensino da escrita deve estar muito presente, pois leitura e escrita estarão andando paralelamente. Uma vez que as capacidades de escrita citada no quadro 2 do programa, implica na consolidação dessa nova fase da apropriação da leitura.

4.1.2.1 Saber decodificar palavras e textos escritos.

A partir da decodificação a criança irá identificar as relações entre fonema e grafema, essa relação fará com que ele compreenda o nosso sistema de escrita.

Na alfabetização, esse é um conhecimento crucial, decisivo. Os leitores iniciantes costumam manifestá-lo decifrando letra por letra, mas também descobrindo e utilizando outros procedimentos, como a identificação de unidades fonológicas além do fonema (outras “porções sonoras”), como sílabas e “pedaços” de palavras. (Brasil 2008, p. 41).

Para o leitor iniciante esse princípio da unidade fonológica é muito importante, visto que a grande maioria das palavras é nova para ele.

4.1.2.2. Saber ler reconhecendo globalmente as palavras.

Saber reconhecer globalmente as palavras é um procedimento que ajuda na leitura pelo iniciante, uma vez que ele se detém a pequenas palavras que ele já reconhece, sem ter acesso imediato ao significado.

No início das aprendizagens feitas dentro e fora da escola, os alunos reconhecem determinadas palavras ou textos utilizando várias estratégias: “decoram” palavras e pequenos textos, associam certas palavras a uma imagem ou cor (como nas etiquetas), associam a forma das palavras escrita a um perfil ou silhueta gráfica, ou a um nome que conhecem e que tem para eles valor afetivo e prático. (Brasil 2008, p. 44)

A criança se apropria do conhecimento a partir daquilo que faz sentido para ela, do que está inserido no seu meio e que faz parte do seu cotidiano, Vigotski (2009) diz que a criança aprende a partir da interação social com o seu meio.

Formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. O que interessa para a teoria de Vigotski é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente. (REVISTA NOVA ESCOLA, EDIÇÃO ESPECIAL N° 25, JULHO 2009, p. 93.)

4.1.3. Desenvolver fluência em leitura.

O objetivo principal do ensino da leitura é fazer com que a criança leia e compreenda o que acabou de ler, que não seja apenas um ato mecânico, para tanto a capacidade de desenvolver a fluência leitora pretende que ao final do texto o aluno consiga: identificar o gênero textual, dizer quem escreveu, quando o fez, onde e por quê, saber identificar o ponto principal do texto, o que o autor queria relatar, se concorda ou discorda do autor, ou seja apresentar suas conclusões.

Outra capacidade fundamental para ler com compreensão é a de produzir inferências. Trata-se de “ler nas entrelinhas”, compreender os subentendidos, os não-entendidos, realizando operações como associar elementos diversos, presentes no texto ou que fazem parte das vivências do leitor, para compreender informações ou inter-relações entre informações que não estejam explicitadas no texto. A identificação das informações pontuais presentes na materialidade do texto e a produção de inferências, que geram a compreensão e a inter-relação de não-ditos e subentendidos, é que vão possibilitar a compreensão global do texto lido, a composição de um todo coerente e consistente, ou seja, a construção de sentido. (Brasil, 2004, p. 45).

Para que o aluno consiga realizar essas inferências o programa Pró-Letramento aponta quatro princípios gerais que auxiliam na seleção e na elaboração das atividades para o desenvolvimento da fluência leitora.

O primeiro está relacionado com as diminuições da quantidade de informações visuais ou retirando partes delas.

O segundo está baseado no trabalho com vocabulário e estrutura semântica, algo superficial, uma vez que estamos falando dos primeiros anos do ensino fundamental. Mas atividades que levem o aluno a formar um conjunto de palavras, possibilitando a formação de frases e ampliando seu vocabulário

O terceiro princípio, está baseado nos conhecimentos prévios do aluno, que devem ser utilizados a todo o momento no decorrer da alfabetização e de toda a trajetória escolar. Uma vez que esse exercício pode ser realizado por meio de explorações prévias do texto como:

Com base no título, sobre o que você acha que o texto vai falar? Que tipo de texto será? Com base no conhecimento de outros textos do autor, como você acha que o texto será? De acordo com o que foi lido até agora, o que você acha que acontecerá? (BRASIL 2008, p. 43).

O último ponto trata-se da leitura em voz alta, após o professor questionar os alunos como sugere o terceiro princípio, é interessante realizar a leitura em três momentos: leitura silenciosa, leitura coletiva e por fim a leitura pelo professor, caso os alunos não estejam alfabetizados o professor fará as indagações como sugere o terceiro ponto e em seguida realizará a leitura em voz alta.

De acordo com o Pró-Letramento Alfabetização e Linguagem não é adequado o aluno acompanhar a leitura do professor apontando com o dedo no seu texto a não ser nas séries iniciais de alfabetização, uma vez que essa prática diminuiria a fluência auditiva dos alunos. (Brasil 2008, p. 45).

4.1.4 Compreender textos.

Como já dissemos anteriormente a meta central do ensino da leitura é fazer com que as crianças compreendam textos.

As capacidades anteriores estão sempre relacionadas uma com as outras e devem ser exercitadas e ampliadas no decorrer dos anos, por isso elas devem ser trabalhadas sistematicamente.

4.1.4.1 Identificar finalidades e funções da leitura, em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto.

Para contribuir com a leitura fluente dos alunos, o professor necessita estimular e trabalhar com diversos gêneros textuais (histórias, contos, cartas, receitas culinárias, canções, parlendas, entre outros). É na escola que a criança irá conhecer essa gama de textos tão diferentes, mas que sempre transmitem uma mensagem do locutor para o interlocutor.

Realizando leituras individuais ou coletivas o professor sempre deve instigar os alunos a observarem o texto antes de sua leitura, verificar quem o escreveu, quando, ou seja, aquelas indagações que foram citadas no eixo “4.2.3. Desenvolver Fluência em Leitura”. De acordo com o Pró-Letramento “reconhecer diferentes gêneros textuais e identificar suas características gerais favorece o trabalho de compreensão, porque orienta adequadamente as expectativas do leitor diante do texto” (Brasil 2008, p. 44)

4.1.4.2 Antecipar conteúdos de textos a serem lidos em função de seu suporte, seu gênero e sua contextualização.

Antecipar o conteúdo do texto, indagando os alunos sobre as hipóteses do texto a ser lido, é uma prática que deve estar presente na sala de aula desde a educação infantil e até após a conclusão da trajetória escolar, pois realizando esses procedimentos o texto terá sentido para o aluno que lhe irá atribuir maior significado.

Perguntas simples como já citamos anteriormente: esse texto trata de que assunto? É uma história? Uma notícia? Foi retirado de um livro, jornal, revista, panfletos? Parecem perguntas bobas, mas que instigam o aluno a ler o texto.

4.1.4.3 Levantar e confirmar hipóteses relativas ao conteúdo do texto que esta sendo lido.

Segundo o Pró-Letramento um dos componentes da capacidade de ler com compreensão é a estratégia de ler com envolvimento, prevendo o que o texto ainda vai dizer e verificando se suas interpretações prévias estavam corretas.

As indagações que o professor realizou com os alunos antes da leitura do texto podem ou não ser confirmadas no decorrer da leitura, no entanto o professor enquanto mediador pode interromper a leitura ao meio e realizar outra investigação sobre o texto, perguntando aos alunos o que eles acham que vai acontecer como o texto irá finalizar.

Realizando intervenções desse modo os alunos vão checando hipóteses interpretativas, o que produz o “fio da meada”, que permite ao leitor compreender o texto na sua totalidade.

4.1.4.4 Buscar pistas textuais, intertextuais e contextuais para ler nas entrelinhas (fazer inferências), ampliando a compreensão.

Para que a competência leitora seja alcançada o leitor em formação precisa ter a compreensão no que diz respeito aos aspectos formais do texto, que são:

- sua estrutura: organização em partes;
- recursos lingüísticos: os tipos de fala utilizados no texto, formal não formal, usam de gírias ou uma fala mais coloquial;
- recursos expressivos: como linguagem figurada, com rimas jogos entre outro.

Nos anos iniciais do ensino fundamental os leitores são muito dependentes do processo de codificação e decodificação do código escrito e necessitam da mediação do professor, para buscarem as pistas corretas para interpretar o texto.

4.1.4.5 Construir compreensão global do texto lido, unificando e inter-relacionando informações explícitas e implícitas.

Mesmo que o aluno não leia com autonomia, o professor pode mediar sua leitura para a interpretação do texto lido.

Ler com compreensão implica ser capaz de produzir uma visão global do texto, de tal modo que, ao final da leitura, o leitor saiba do que o texto fala, por onde ele começa, que caminhos ele percorre, como ele se conclui. Isso significa ser capaz de resumir o texto lido e de recontá-lo ou repassá-lo para alguém. (Brasil, 2008, p. 46).

4.1.4.6 Avaliar ética e afetivamente o texto, fazer extrapolações.

Após a leitura, é pertinente que os alunos dialoguem a respeito do texto lido, trazendo informações sobre o que sentiram qual a relação desse texto, para outros escritos pelo mesmo autor ou com o mesmo tema. Os alunos deveram ter argumentos para falar sobre o texto e consigam relacioná-lo com sua vida cotidiana.

Os eixos citados pelo Programa Pró-Letramento contribuem para que o professor alfabetizador compreenda os processos na qual a criança percorre para que assimile o processo do ensino da leitura.

Os eixos seguintes do caderno, também são de extrema importância na construção do conhecimento pelo aluno, visto que eles precisam ser trabalhados sistematicamente, não apenas nas series iniciais, mas no decorrer de todo o ciclo escolar.

Sabe-se que os três anos iniciais da Educação Fundamental não esgotam essas capacidades lingüísticas e comunicativas, que se desenvolvem ao longo de todo o processo de escolarização e das necessidades da vida social. Sabe-se, também, que o trabalho a ser feito nesses três primeiros anos iniciais não se esgotam na alfabetização ou no desenvolvimento dessas capacidades lingüísticas. Mas elas são importantes porque é na alfabetização e no aprendizado da língua escrita que vem se concentrando os problemas localizados não apenas na escolarização inicial, como também em fracassos no percurso do aluno durante sua escolarização. (BRASIL 2008, p. 14).

As capacidades dos eixos vão sendo adquiridas gradualmente pelos alunos, de acordo com as suas espontaneidades, desenvolvimento intelectual e das possibilidades que o ambiente escolar proporcionar a essas crianças.

4.2 O Ensino da leitura na escola.

As capacidades apresentadas pelo Programa de Formação de Professores Pró-Letramento (2008), são fundamentais para o planejamento da prática docente como já relatamos anteriormente, mas também é importante o envolvimento dos professores e da equipe pedagógica para que essa prática realmente apresente resultados positivos.

A grande maioria dos alunos terá na escola o primeiro contato com os livros, pois dada a condição sócio-econômica de nosso país, ter contato com livros, jornais, revistas e outros gêneros textuais é privilégio de poucos. Desse modo a escola, passa a ser o lugar onde esses alunos deverão criar o hábito da leitura.

Muitos professores vêm na leitura a iniciação de uma atividade ou o fim para realizar um exercício, mas segundo o Pró-letramento (2008) a leitura já é uma atividade em si, e usá-la como um recurso para em seguida aplicar uma atividade pode perder seu significado seu encantamento, dependendo do modo como esse professor apresenta a leitura para a classe.

Essa prática é visível principalmente por aqueles profissionais que não possuem o hábito da leitura. Por esse motivo o Programa de Formação de Professores diz que:

Aprender a ler não é uma atividade natural, para qual a criança se capacita sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o professor, figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso o professor precisa revelar-se um leitor dedicado e uma forte referência para seus aprendizes. Cabe ao professor desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros. Não há receitas a seguir: cada professor, de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seus alunos, tem condições de avaliar o melhor caminho a ser desbravado. No entanto, para que haja êxito na formação do leitor, precisamos efetivar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor. (BRASIL 2008, p. 26)

A formação de leitores dependerá muito da relação entre o professor e o livro, como já citamos anteriormente o professor serve como um espelho para o aluno, visto que a equipe pedagógica também é uma forte influência para os pequenos leitores.

Outro aspecto relevante para a formação de leitores está relacionado com a biblioteca escolar, visto que ela geralmente não é frequentada pelos professores e alunos, ou quando é lembrada passa a imagem de um lugar ruim, onde a leitura torna-se obrigatória como castigo. A biblioteca deve ser vista como um centro cultural, com atividades durante todo o ano letivo como: contação de histórias, debates, entrevistas, depoimentos, histórias de leituras narradas pela comunidade escolar, recital de poesia, concursos, dramatizações, jogos, hora do conto, teatro de fantoches, coral, etc. (BRASIL 2008, p. 27).

Essas atividades devem ser muito bem planejadas, para que o aluno consiga visualizar que a leitura pode ser expressa de diferentes maneiras e que uma mesma história pode ter diferentes interpretações de acordo com o recurso que é utilizado, seja ele visual narrativo, dramatizado, entre outros, essas possibilidades influenciam no desenvolvimento do letramento do aluno, sendo que um recurso não pode substituir o outro.

As disposições dos livros na biblioteca também é algo que deve ser pensado e planejado, pois esconder os livros ou não deixá-los ao alcance dos alunos não ajuda na sua formação enquanto leitor. O professor pode usar de sua criatividade na exposição dos livros, deixando sobre a mesa, em varais, cestos, ou seja, os alunos precisam ter livre acesso a esse material o que irá estimular a curiosidade e o interesse na leitura.

Segundo Kleiman⁴ (2011b, p. 13), o leitor compreende o texto lido a partir de seus conhecimentos prévios, ou seja:

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (...) pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Kleiman vem reforçar as orientações do Pró-Letramento quadro 3 que citamos acima, afirmando que devem ser apresentados aos alunos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, realizando sempre as indagações propostas pelo caderno, investigando os alunos sobre o que eles sabem do texto, se já ouviram falar no tema, se conhecer o autor.

Realizar essas atividades em sala pode ser um ato desafiador tanto para o professor quanto para os alunos, mas ele é imprescindível para prender a atenção dos educandos, promovendo neles a curiosidade de conhecer o desfecho da história, criando deduções e possibilidades, mexendo com a imaginação dos pequenos.

⁴ Angela Kleiman, ph.D. pela Universidade de Illinois, EUA, é professora do departamento de lingüística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, desenvolvendo pesquisas nas áreas de Leitura, Letramento e interação em sala de aula.

Um grande erro por parte dos professores é avaliar o seu aluno pela leitura, verificando se houve compreensão por parte dele ou não, fazendo o aluno ler em voz alta um trecho de um livro e em seguida fazê-lo responder algumas questões sobre o texto, Kleiman (1998a) critica esse modelo de avaliação, visto que o aluno estará mais preocupado com a pronúncia, o dialeto, e a pontuação, do que no texto em si.

Outro ponto errôneo é estipular aos alunos o que eles irão ler por exemplo: “ler da pagina tal a pagina tal”. Exercendo essa prática o professor estará desestimulando a leitura pelos alunos, passando-a como obrigatoriedade, para realizar provas e seminários.

O objetivo primordial da escola é formar cidadãos críticos capazes de ler e interpretar o mundo em que estão inseridos. Seguir com orientações atrasadas e repetitivas apenas atrasam o desenvolvimento desses alunos, uma vez que a leitura não é uma simples prática escolar, mas um processo desencadeado pelo interesse do sujeito. O professor é responsável por instigar e estimular esse desejo de aprender a ler, como já citamos anteriormente, o professor é mediador do processo proporcionando ao aluno os dois momentos primordiais para o ensino que são a alfabetização e o letramento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino aprendido é construído de acordo com as interações que o sujeito realiza com o meio em que está inserido. De certo modo, o ensino da leitura segue pelo mesmo caminho, a leitura só terá importância para a criança se o texto estiver de acordo com a sua realidade.

Sabemos que o brasileiro não possui o hábito de ler, uma vez que ele coloca em sua lista de preferência outras atividades como assistir televisão, ouvir rádio, praticar esportes, outros exercícios que não a leitura.

E sabemos que o direito a leitura está previsto em Lei, como na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) N° 9.394/94 (Brasil, 1996), Art. 4 que garante o direito da criança e do adolescente ao ensino público com qualidade e no Estatuto da criança e do Adolescente (ECA) N°8.069/90 (Brasil, 1996), Art. 53 no qual os mesmos têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Para que essa situação possa ser revertida, a escola tem a função principal para essa mudança. Criar momentos de leitura dentro da escola não fará sentido se a equipe pedagógica não ajudar. Não tem como você estimular a alguém gostar de ler se você mesmo não gosta dessa atividade. Não adianta ter uma biblioteca equipada com ótimos livros de autores consagrados, se estes são esquecidos nas prateleiras.

A primeira mudança deve ocorrer por parte dos professores, ler bons livros, jornais, revistas, é primordial a sua vida e para a elaboração de um plano de aula, trazer para dentro da escola, momentos de interação com a leitura, isso fará com que desperte nos alunos a curiosidade sobre esse novo mundo que ele também pode vir a desbravar.

O discurso de muitos professores para justificar a ausência da leitura, é a falta de tempo, pois alguns trabalham os três períodos para conseguir se manter e por os livros serem caros. Conhecemos a realidade dos professores, porém com o avanço da tecnologia e com o fácil acesso a elas, podemos ter acesso a diversos gêneros textuais, sem ao menos sair de casa, existem *sites* que disponibilizam obras de autores famosos na internet, sem contar os jornais *on-line* e as revistas eletrônicas.

Para ser um bom professor na contemporaneidade o professor precisa estar atualizado a tudo que acontece no mundo, pois como já comentamos anteriormente, as crianças que estão vindo para a escola nesse século, são crianças na grande maioria, que querem algo mais, e mesmo aquelas que não possuem um poder aquisitivo mais elevado, é na escola que elas esperam receber aquilo que não possuem no dia a dia, a educação o conhecimento científico o acesso a internet.

Ao final do trabalho verificamos que para atingir o ensino da leitura entre as crianças dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental faz-se necessário a busca incessante de professores preocupados e engajados na luta para uma educação de qualidade e que invistam em sua formação enquanto leitores, pois deste modo refletirá nas crianças o gosto pela leitura.

6. REFERÊNCIAS

AMORIN, Galeno. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo. Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura Secretaria de Educação Básica. **Pró Letramento: Alfabetização e Linguagem**. Brasília, 2008.

_____. Câmara dos Deputados. **Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional N° 9.394/96**. 5ª Ed. Brasília – DF. 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática** – RJ: Vozes, 2009.

CURY, Munir. **Estatuto da Criança e do Adolescente N°8.069/90**. 11º Ed. São Paulo – SP: Malheiros, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. 3ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 12ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1998. (A)

_____, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2011. (B)

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**. 10ª Ed. São Paulo - SP: Atlas, 2008.

MENEGASSI, Renilson José. ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. **Conceitos de Leitura**. In: MENEGASSI, Renilson José (org). Leitura e Ensino. Formação de Professores EAD N°19. Maringá: EDUEM, 2005.

NUCCI, Eliane Porto Di. **Alfabetizar Letrando...** Um desafio para o professor! In: LEITE, Sergio Antonio da Silva. Alfabetização e Letramento: Contribuições para as praticas pedagógicas. 4ª Ed. Campinas, SP: Komedi, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas – SP: Autores Associados, 1997.

_____, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica** – SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010 (A)

_____, Magda. **Letramento Um tema em Três Gêneros**. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010. (B)

TEBEROSKY, Ana. TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **O Teórico do Ensino como Processo Social**. Nova Escola a Revista de Quem Educa. São Paulo, edição especial N° 25, p. 93, jul. 2009.